

UMA COSTURA ENTRE ACADEMIA E O SETOR PRIVADO: Uma entrevista com Mayra Fonseca

Ricardo Xavier Silveira¹
Mayra Nascimento Fonseca²

Resumo: O artigo consiste em uma entrevista com Mayra Fonseca, antropóloga e comunicóloga, focando em sua trajetória profissional na intersecção entre a academia e o setor privado. O objetivo central é investigar as possibilidades de inserção de antropólogos no mercado de trabalho corporativo, destacando as competências cruciais. A metodologia foi a realização de uma entrevista presencial. Os principais resultados mostram que a atuação de Fonseca é caracterizada pela proatividade na busca por trabalho, pela visão interdisciplinar (Comunicação e Antropologia) e pela capacidade de adaptar o rigor etnográfico e metodológico às demandas do setor privado, priorizando a gestão de tempo e a comunicação eficaz. Ela enfatiza a importância do diálogo, da autocrítica e da ética para se colocar a serviço dos interlocutores, sendo hoje reconhecida como "antropóloga consultora".

Palavras-Chave: Antropologia; Setor Privado; Comunicação; Etnografia; Trabalho.

APRESENTAÇÃO

Sou Ricardo Xavier Silveira, estudante do 8º período de Ciências Sociais na Universidade de Brasília (UnB), e estou buscando a dupla habilitação em Antropologia e Sociologia. Meu principal interesse em fazer esta entrevista era entender como os antropólogos podem entrar no mercado de trabalho privado. Foi assim que me indicaram o nome de Mayra Fonseca. Sua trajetória, que transita entre a comunicação e a Antropologia com experiências dentro e fora do Brasil, me encantou, principalmente com projetos como "Brasil com 's'" e "Brasis". Esse encontro de ideias resultou nessa entrevista, que me animou a enxergar um novo horizonte cheio de possibilidades para jovens antropólogos. Essa entrevista foi feita no dia 05 de junho de 2025, ocorreu presencialmente no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da UnB.

Ricardo Xavier: Boa tarde, Mayra, você gostaria de se apresentar?

Mayra Fonseca: Eu sou Mayra Fonseca, tenho 43 anos e sou do norte de Minas Gerais, de Montes Claros, que é a cidade natal de Darcy Ribeiro. Meu nome, Mayra, é por causa do romance Maíra (2015) de Darcy Ribeiro. Acho que isso ajuda a explicar como a ideia de Antropologia surgiu na minha cabeça. Na graduação, eu fui aprovada em Ciências Sociais e

¹ Entrevistador: Graduando na Universidade de Brasília, kdu.unb@gmail.com

² Entrevistada: Doutora pela Universidade de Brasília. mayrfonseca@gmail.com

em Comunicação Social, mas eu me formei em Comunicação Social. Eu tive que escolher em qual me formaria, porque precisava trabalhar para ajudar a pagar as contas de casa. Atualmente, faço doutorado no Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília (UnB), no PPGAS (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social). Antes, fiz um mestrado em Antropologia e Etnografia na Universidade de Barcelona, na Espanha.

Ricardo: Sua trajetória acadêmica transita entre a Comunicação e a Antropologia, com experiências dentro e fora do Brasil. Como você decidiu circular por essas áreas de formação?

Mayra: Acho que tem um pouco a ver com essa história que eu comecei a te contar. Eu sou de uma família de classe popular, como tantas outras famílias brasileiras. E quando entrei na faculdade, eu tinha esse desejo pela Antropologia, que precisava passar pelas Ciências Sociais. Mas sempre fui muito ocupada em pagar as contas por causa da minha origem. Sempre fui a "caxias" da família, a estudiosa que conseguia acessos, bolsas de estudo, enfim. Então, a ideia de não ter uma renda imediata me assustava, por isso fiquei muito feliz quando vi que a professora Soraya Fleischer estava dando essa disciplina "Antropologia e Mercado de trabalho" na graduação, era uma coisa que me assustava quando eu pensava nas Ciências Sociais e na Antropologia. Então, eu pensei nas duas formações ao mesmo tempo, porque na Comunicação olhei a grade das disciplinas e vi que tinham coisas em comum e interessantes, como cinema, fotografia e linguagens artísticas, que são importantes para mim também. comecei... a conseguir trabalho remunerado mais no campo da Comunicação, sempre em pesquisa. Eu entendo que as duas áreas me ajudam e contribuem muito para o que eu faço, porque fui desenvolvendo a habilidade de comunicação, de oratória e de divulgação técnico-científica do que a gente faz. Ao mesmo tempo, essa criticidade que as Ciências Sociais nos trazem, e o pensamento metodológico que é tão caro para a Antropologia, tudo isso faz com que eu possa colaborar quando trabalho em ambientes de comunicação. Então, fui fazendo uma dança e uma costura entre as duas áreas e foi assim.

Ricardo: Onde é que você estudou?

Mayra: Então, eu entrei na faculdade aos 17 anos. Foi meu primeiro deslocamento e foi meu momento de emancipação total. Saí da minha cidade, Montes Claros, e fui para Belo Horizonte. Foi o momento mais difícil da minha vida. Comecei a trabalhar com pesquisa

dentro da universidade. Eu me formei em Comunicação Social na PUC Minas. Na Católica, eu pedi trabalho para todos os meus professores já no segundo mês de aula. E, então, uma professora conseguiu um estágio na associação de professores da faculdade. Fui trabalhar com ela, uma excelente socióloga e geógrafa, a Rita Liberato. Lá, comecei a atuar em pesquisas com os docentes da universidade. Depois, fui para a Espanha fazer um mestrado na *Universidad de Barcelona*. Iniciei o doutorado na Universidade Federal de Goiás (UFG). E agora estou aqui no DAN.

Ricardo: Você veio pra UnB por causa de Darcy Ribeiro?

Mayra: Olha, vou te confessar que tem um pouco de imaginário de criança sobre isso. A ideia de "um dia vou estudar naquela faculdade que o cara ajudou a construir" era um sonho. Claro, ao longo da minha formação, esse sonho foi se desmistificando. Hoje, a gente tem as críticas ao trabalho de Darcy Ribeiro, mas isso fazia parte do meu imaginário e parecia algo muito impossível. Então, quando vim morar em Brasília, falei: "Vou entrar no DAN agora!".

Ricardo: Eu te entendo porque eu também tenho uma rotina dupla de estudo e trabalho. Eu sou barbeiro e corto cabelo aqui na universidade e é assim que consigo o meu sustento. Eu me identifico um pouco com você nisso. Sinto-me feliz em ver que você trabalha e trabalhou muito, até chegar onde está hoje nesse imaginário de quase “impossível” de alcançar.

Mayra: Mas é legal saber disso, Ricardo. Acho bom a gente falar sobre essas coisas, porque falamos muito pouco a respeito. Hoje, na minha opinião, ainda bem, há muitas pessoas na faculdade que vêm de classes populares e que se sustentam. Nesses casos, a sobrevivência, pagar as contas, é algo determinante. Na minha época, era ainda mais raro e o ambiente das Ciências Sociais era ainda mais elitista do que é hoje. Por isso, acho muito importante falarmos sobre esses assuntos, sobre os outros trabalhos que temos, sobre como moramos, nos organizamos e viabilizamos ou não as coisas. Eu gosto desse assunto.

Ricardo: O que fez você escolher a antropologia como aprofundamento na carreira acadêmica e como isso influenciou sua trajetória pessoal?

Mayra: Eu escolhi a Antropologia. Ela sempre foi meu sonho, minha identificação. Fora da academia, costumo dizer que sou bastante etnógrafa, não só como método, mas como forma de observação das realidades. Eu sempre trabalhei tentando implementar olhares, métodos e técnicas etnográficas nos projetos que realizei e coordenei. A Antropologia sempre foi o lugar onde eu quis estar. Frequentei outros lugares por outros motivos. Sou um pouco aberta, acredito na interdisciplinaridade e nos olhares plurais. Acredito em pensar a ciência de uma forma mais ampla, mas a Antropologia é o meu lugar "quentinho" no mundo.

Ricardo: Essas diferentes formações influenciam na sua abordagem teórico-metodológica para fazer antropologia? E é sempre bom lembrar que a comunicação é uma ciência social também, né?

Mayra: Ela é, mas depende do lugar. Tem lugares em que a Comunicação está nas Letras, em outros, mais próxima da Administração ou das Artes. A Comunicação é uma ciência que pode se aproximar de várias outras. Eu acho que as duas coisas influenciam muito, Ricardo. Por um lado, há esse aprofundamento, esse olhar crítico e a busca constante por um embasamento teórico. Por outro lado, há uma grande preocupação com as linguagens usadas para transmitir conhecimentos, dúvidas ou críticas. Com essa coisa que a gente chama hoje de “divulgação técnico-científica”, a Soraya tem falado muito conosco na pós-graduação. A Antropologia da Ciência e da Técnica também tem colocado muita energia nesse sentido. Ou seja, como é que a gente dissemina, divulga e compartilha os conhecimentos e os dados que aprendemos nas Ciências Sociais? Porque vários projetos que fazemos são de interesse público. Por exemplo, quando estamos fazendo Antropologia da Saúde, como podemos falar de um jeito que uma audiência mais ampla entenda o nosso trabalho? Isso para mim é muito importante e é a contribuição da Comunicação para o que eu faço.

Ricardo: O que você está falando me lembrou de um texto que lemos na disciplina. A Patrice Schuch (2003) trabalhou na antiga na Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM) no Rio Grande do Sul, que já era especializado no processo socioeducativo de jovens. E lá dentro, ela vai para a área da administração e acaba se sentindo muito distante, muito isolada. Vários autores que lemos também sentiram isso. O antropólogo é visto como se fosse uma coisa à parte do ambiente geral. Há um sentimento compartilhado de ser um “estrangeiro”, é uma questão sobre a dificuldade de comunicação entre o que a pessoa solicita e o que o antropólogo entrega. A pessoa

pode ter uma expectativa, mas o resultado do trabalho do antropólogo, devido à sua metodologia e abordagem, nem sempre corresponde a essa expectativa.

Mayra: Eu concordo com você. Se nós formos atuar como antropólogos dentro de um hospital, precisaremos dialogar com profissionais de saúde. Teremos que entender quais são as demandas e necessidades da pesquisa que estamos desenvolvendo ali. Não sem pensar na nossa entrega técnica para a universidade e em nossos limites éticos. Às vezes, também vamos precisar fazer uma entrega ou um relatório que outras pessoas compreendam. Então, como fazemos isso? Eu coloco muita energia nisso. Isso foi o que a Comunicação trouxe pra minha vida.

Ricardo: Quais foram os primeiros trabalhos que você realizou para empresas privadas? Foi você que se apresentou para essas oportunidades ou foram convites que você recebeu? Me dê um exemplo concreto dessa atuação, como conseguiu o trabalho, que tipo de atividades você realizou, qual foi o produto final?

Mayra: Ó, tem uma coisa que eu conto com muito orgulho para muita gente, Ricardo, eu sempre pedi trabalho. Eu peço trabalho até hoje. Foi assim no início, foi assim no primeiro trabalho e até hoje é assim. Se eu vejo uma equipe, um lugar que eu quero trabalhar, se a conta daquele semestre não está fechando, eu levanto a mão e falo: "Gente, eu preciso trabalhar. Eu gostaria de trabalhar aqui". Como eu te contei, o meu primeiro trabalho quem conseguiu pra mim foi a minha professora. A minha família tinha me autorizado a estudar na capital do Estado, o dinheiro ia acabar. Eu fui de porta em porta, de professor em professor, e falei: "Alguém me arruma um trabalho?". Eu trabalho para o setor público, terceiro setor, esse mundo das cooperações internacionais tipo ONU, empresas privadas... Eu queria ir para outro país, eu queria fazer estágio fora. E aí eu pedi uma bolsa que os estudantes de Relações Internacionais conseguiam. Eu tinha uma colega que tinha estudado uns semestres de Relações Internacionais. E aí, essa amiga conseguiu um estágio de trabalho no Equador. Eu falei: "Como é que eu vou fazer para ir junto?". Corri atrás de papelada, bati na porta de todo mundo, pedi para todo mundo. Lá a gente desenvolveu um projeto para uma empresa privada. Então, a gente estava fazendo uma espécie de diagnóstico, levantando as demandas da população. O trabalho final teve um resultado super positivo em termos de impacto ambiental e sustentabilidade. Não é que eu fui buscar a empresa, eu fui buscar um estágio fora.

Ricardo: Como foi pra você a questão da língua? Você sabe muitas línguas?

Mayra: “Língua” para mim é um drama até hoje, mas a primeira que aprendi foi o espanhol. A ida para o Equador foi importantíssima para eu aprender mais. E eu aprendi espanhol porque tinha uma colega, a Alessandra Souza, uma grande amiga, que era fluente. O pai dela era uma dessas pessoas que trabalhava com obras, viajando o mundo inteiro. Ela já tinha morado em muitos lugares e falava muitos idiomas. Ela era muito amiga, e eu perguntei: “e aí, como é que vai ser para eu aprender?”. Eu comecei a estudar e hoje o espanhol é meu segundo idioma, eu falo muito bem. O inglês é um desafio para mim. Mas eu falo, treino e faço aulas, mas até hoje é um desafio porque eu venho de uma infância sem MTV, sem internet e ninguém ao meu redor falava inglês. Então, para mim, era uma coisa difícil, mas pouco a pouco fui me desenrolando. Ainda assim, é o meu lugar de insegurança. Hoje ainda é porque as pessoas esperam que eu seja mais fluente em inglês do que sou. Eu vou, dou aulas e palestras, mas não tenho o inglês que se espera de mim, mas tá tudo bem.

Ricardo: Tive, aqui no Departamento de Sociologia (SOL), a professora Jacqueline Moraes Teixeira. Uma professora negra, se formou na USP.

Mayra: Acho que não a conheço.

Ricardo: Ela teve que fazer a pós-graduação na Alemanha, em um contexto de pandemia. As aulas e reuniões dela eram *online*. Ela conseguiu uma bolsa para um evento mundial, mas não sabia falar inglês. Ela falava em português, dizendo que era decolonial. Eu achei muito legal, porque quando vejo um professor, vejo-o em um pedestal, intocável. Eu, quando vejo uma pessoa no mestrado ou doutorado, penso: “Poxa, é outro mundo, é outra realidade”. Eu não imagino que tem essa dificuldade com a língua, sabe?

Mayra: Cada pessoa, com sua vivência e privilégios, enfrenta desafios. As pessoas que estão com você e seus colegas também os têm. Definitivamente, não é todo mundo que fala quatro idiomas fluentemente, essas pessoas são raras. Mas não é por isso que não se deve estudar e tentar. É preciso reivindicar esses acessos.

Ricardo: Você fez um projeto chamado “Brasis” que articula pesquisa, difusão cultural e comunicação com base em uma perspectiva antropológica. Como você consegue conciliar a produção acadêmica e comunicação pública da ciência nesse tipo de trabalho?

Mayra: Esse é um projeto do qual tenho um orgulho imenso, é um projeto autoral, tanto ele como o que veio antes, que se chama "O Brasil com S". É como eu consigo articular a produção acadêmica e a cultural. Na verdade, acho que a resposta é: de uma forma muito orgânica. Neste projeto, nós desenvolvemos um modo de funcionar. Começamos a levantar algumas informações e a publicá-las em um momento em que as redes sociais, na época do início do Instagram, eram algo muito novo. Era a forma como as pessoas ao meu redor estavam fazendo e eu só queria colocar esse projeto no mundo, não tinha nenhuma pretensão. Foi logo depois do mestrado, quando voltei para o Brasil. Primeiro fiz o "O Brasil com S", depois o "Brasis". O projeto persistiu por causa do barulho, do interesse, que causou. Eu não tinha ideia de que se tornaria algo que as pessoas leriam e que muita gente ia querer participar. O "Brasis", por exemplo, é um projeto que iniciei, mas nunca fiz sozinha; muita gente participa e as pessoas foram trazendo suas contribuições. Um dia, uma pessoa me disse que eu fazia uma revista que se chamava "O Brasil com S". Depois, outra pessoa me disse que eu fazia um jornal digital que se chamava "Brasis". Eu nunca tinha pensado nessas coisas como "revista" ou "jornal". Foi assim, eu estava no Grupo Abril, em São Paulo, numa palestra. E uma pessoa disse: "a revista digital “O Brasil com S”. Eu pensei: "Bom, eu estou dentro do Grupo Abril, a pessoa está dizendo que eu faço uma revista, então vou falar que eu faço, né? Ela deve saber do que está falando!" Então, é um projeto que nasceu de uma forma muito orgânica, a partir de tentativas e experimentações minhas e das pessoas que estavam ao redor.

Ricardo: Muito legal.

Mayra: Eu sou, antes de tudo, uma corajosa. Sou, antes de tudo, uma pessoa que acredita em tentar, que erra e acerta. Gosto muito de estar perto da academia, porque as pessoas são críticas e nos ajudam a corrigir as rotas. Elas nos mostram nossas incoerências. Então, eu acho que, antes de qualquer coisa, sou corajosa.

Ricardo: Você poderia me falar sobre alguma experiência que tenha provocado uma mudança teórica ou metodológica ao decorrer de uma pesquisa?

Mayra: Quando fazemos pesquisa de campo, o campo nos mostra muitas coisas que, às vezes, não estavam previstas. Com isso, a gente precisa dialogar com outras teorias e com outras autoras. A gente precisa mudar um pouco os métodos. Vou te dar um exemplo que envolve a iniciativa privada. Eu faço muitos projetos para uma instituição que se chama Yunus Negócios Sociais, que é uma instituição que foi fundada por um cara de Bangladesh, o Muhammad Yunus(2000). Ele inventou o que, aqui no Brasil, chamamos de "banco dos pobres" e por isso ganhou o Nobel da Paz, veja que não foi o Nobel da Economia. Quer dizer, ele inventou o microcrédito, que é emprestar pequenas quantias de dinheiro para as pessoas a juros muito próximos de zero ou a juros que são pensados coletivamente. Os clientes da Yunus são empresas de iniciativa privada que querem criar projetos de inovação social.

Por exemplo, uma grande empresa brasileira de cosméticos queria fazer um projeto interno de diversidade com seus colaboradores. Eles queriam pensar a diversidade e a inclusão de outra forma e a Yunus foi chamada para criar esse projeto de inovação social. Em vários projetos da Yunus no Brasil e na América Latina, eu sou uma parceira de pesquisa. E, às vezes, precisamos mudar a metodologia do projeto. Muitas vezes, entramos em campo, dialogamos com as pessoas da instituição e com especialistas. Lemos muita bibliografia e entendemos que precisamos aplicar outras ferramentas. Com isso, percebemos que é necessário passar um tempo dentro da organização, fazer grupos de discussão com outras pessoas e incluir na equipe de pesquisadoras gente que já trabalha lá e que vem da Sociologia, por exemplo. Quando começamos um trabalho de campo, desenvolvemos uma metodologia, vamos pra campo e outras coisas acontecem e nos mostram que precisamos mudar um pouco a rota. O caso dos projetos da Yunus é um desses exemplos, porque somos bem abertos a isso. Há uma fase do projeto de pesquisa que chamamos de "imersões", na qual costumamos levar a equipe da Yunus, pessoas que trabalham comigo, outros especialistas e pessoas da instituição do cliente final para trabalhar com lideranças e atores locais em territórios. Construímos a metodologia juntos e quem decide como será essa interação e o trabalho (que pode durar quinze dias, uma semana, ou um mês, dependendo do projeto) são os atores locais. Se vamos trabalhar dentro de uma empresa, quem está lá dentro decide. Se vamos trabalhar, como já aconteceu, em São Luís do Maranhão, com algumas instituições do terceiro setor, essas pessoas decidem a dinâmica. É um tipo de trabalho em que o campo interfere muito no método o tempo todo.

Ricardo: Uma experiência de trabalho levou a outra e como você acumulou estas experiências? O seu nome, hoje em dia, circula no setor privado como uma “antropóloga consultora”?

Mayra: Uma experiência levou a outra. As pessoas foram me indicando e eu fui desenhando projetos. Quando termino um projeto, na medida do impossível, sempre busco refletir sobre que melhorias metodológicas eu faria, o que faria de diferente no relatório e com quem eu gostaria de trabalhar essa temática. Às vezes, monto um novo projeto e o apresento. As pessoas também indicam muito os meus trabalhos hoje e meu nome circula como o de uma antropóloga consultora, sim!

Ricardo: Quais são, na sua opinião, as principais habilidades para atuar junto com empresas privadas no Brasil? São habilidades distintas daquelas demandadas para atuar no Estado, na academia, no movimento social, por exemplo? Em geral, quais as competências e sensibilidades você acha essencial para um antropólogo contemporâneo?

Mayra: Para trabalhar com empresas privadas, é preciso ter todas as habilidades de uma pessoa profissional antropóloga como em qualquer outro ambiente. Precisamos de embasamento teórico, senso crítico e de saber como entrar e sair de campo, além de construir relações respeitadas com os interlocutores. Precisamos fazer autocrítica o tempo inteiro e ler muito. Tudo que a gente precisa para atuar em todas as áreas. O setor privado pode ser muito exigente em relação ao tempo e não tem tanta flexibilidade. Acho que é melhor dizer que ele não é flexível do que dizer que é exigente, porque poder rever o tempo de um projeto é algo muito positivo para o trabalho. Mas, o setor privado não é muito flexível nessa medida. Então, eu vejo que é necessário desenvolver uma habilidade muito grande de gestão de tempo e organização de materiais. Também acho que, hoje, precisamos desenvolver outras habilidades, tanto no terceiro setor quanto no setor público, como interagir com atores muito diferentes e circular por ambientes diversos. Na grande maioria dos meus projetos, eu entrevisto, dialogo, leio e procuro saber sobre os trabalhos de antropólogos que estão na academia. Estamos o tempo inteiro em diálogo com o setor público e também com o terceiro setor, por isso é preciso saber circular por esses ambientes. E não negociar o que é crítico para nós, como o aprofundamento teórico e o rigor metodológico. É fundamental saber explicar porque isso é relevante, algo que faço na maioria dos meus projetos, entrando e saindo de campo. Se eu

estou em campo, eu sento à mesa com atores muito diferentes. Espera-se que a pessoa antropóloga consiga fazer com que essa conversa, tão heterogênea, flua com respeito. Nós somos chamados inclusive para isso, para o lugar do diálogo, para o lugar da construção conjunta, para o lugar da escuta ativa. Essa habilidade de circular também é muito necessária no terceiro setor, para a cooperação internacional, para o setor privado.

Ricardo: A gente da graduação está muito mal acostumado, como quase um desleixo, porque a academia não cobra da gente tanto no que diz respeito a tempo.

Mayra: É preciso ir comunicando, ao longo do projeto, os imprevistos que podem acontecer, as mudanças de rota que podem acontecer. Não existe flexibilidade para o momento de entrega do relatório. Faltando cinco dias e a gente dizer: “ Ah, não vai estar pronto”. Mesmo se for por uma questão técnica, a gente precisa comunicar isso muito antes. Acho que está mudando para a geração de vocês, mas a gente foi muito acostumada aos prazos de editais mudarem sempre, por exemplo.

Ricardo: Sim, de prorrogar os prazos dos editais.

Mayra: Mas não é assim no setor privado, sabe?

Ricardo: De que modo você aborda questões éticas e afetivas durante o trabalho de campo, especialmente em contexto sócio-culturais? Como articula os métodos etnográficos a depender do local que atua?

Mayra: Nos projetos que faço, que são de longo prazo, o afeto sempre me atravessa. Tenho um jeito muito meu, converso bastante com as pessoas com quem trabalho. Quando estamos em um território, quando somos recebidas por uma família, ou quando estamos em um momento de construção com algum coletivo, sempre importa muito fazer com que as pessoas saiam desse encontro e dessa interação energeticamente melhores do que elas entraram. Não é uma romantização do trabalho de campo, mas é também uma forma de se colocar a serviço das pessoas interlocutoras com quem trabalhamos. Então, muitas vezes, vamos fazer um trabalho e, por exemplo, quando estamos com um coletivo, estamos ali ocupando uma cadeira para realizar uma demanda do território. Existem algumas habilidades que desenvolvemos e que podem ser de utilidade. Por exemplo, uma boa escrita, documentação fotográfica,

organização de material ou o compartilhamento de contatos, fazer articulações, ajudar a promover ou participar de eventos, colaborar para a formação de alguém daquele lugar que queira ter uma formação análoga à nossa, ou até mesmo oferecer uma mentoria, coisas nesse sentido. Eu acho que tudo isso tem a ver com um lugar de escuta e com o modo como nos colocamos a serviço das pessoas, dos coletivos e dos territórios que nos recebem para desenvolver um trabalho.

As questões éticas sempre nos atravessam. Eu sempre tento partir do princípio de uma reflexão ética conjunta, eu sempre tento deixar tudo muito transparente com quem estamos trabalhando. Qual é o objetivo? Qual será a entrega? Qual é o impacto disso? Quais são as normas que regem este trabalho? Qual é o modelo de remuneração? Eu tento me colocar mais aberta para ouvir as incoerências e as críticas. Acredito na importância das críticas, em agir rápido diante delas.

Ricardo: Você acredita que a antropologia tem conseguido acompanhar os avanços e transformações tecnológicas e sociais recentes?

Mayra: Acho que sim. Pensando na academia, eu fiz o meu mestrado há 16 anos atrás, entreguei meu mestrado em 2010 e voltei à academia formalmente no ano passado, em 2024, via UFG. Agora, estou na UnB. A gente está falando de um período de 15 anos mais ou menos. Eu vejo outros temas na Antropologia, eu vejo outros olhares, eu vejo as pessoas antropólogas mais diversas também. Vejo, por exemplo, as minhas colegas e os meus colegas de pós-graduação trazendo temas, discussões, bibliografias para a Antropologia que eu não via há 15 anos atrás. E eu acho isso muito potente.

Ricardo: Quais conselhos você daria a estudantes de graduação e pós-graduação que desejam seguir na carreira de Antropologia?

Mayra: Em primeiro lugar, zelar por uma formação de qualidade. Isso vale para qualquer profissional que for trabalhar em qualquer área e não é diferente para quem atua no setor privado. Não imaginem que algumas leituras e disciplinas não serão necessárias. Elas serão. Espera-se que saibamos trazer para as discussões tudo o que entendemos como clássico em nossa área.

Ricardo: Poderia indicar autores, livros, coletivos e textos que foram importantes para a sua trajetória e que considera fundamentais para estudantes de antropologia que queiram trabalhar no setor privado?

Mayra: Vários projetos no setor privado dialogam com autores clássicos como Marcel Mauss, Pierre Bourdieu e Émile Durkheim. A própria Mary Douglas é uma autora muito mencionada, assim como o Arjun Appadurai. Esses clássicos são muito mencionados. É importante saber situá-los nas discussões nas empresas. Dialogando com empresas privadas, alguns trabalhos em que antropólogos também são muito convidados para atuar são os projetos das chamadas "pautas das mudanças climáticas", "justiça climática", "regeneração". Além disso, todo esse arcabouço teórico latino-americano, como a Marisol de la Cadena e a Silvia Cusicanqui, também são muito relevantes. Depois, há dois livros que cito muito, que são bem pragmáticos para quem busca trabalhar em projetos com empresas do setor privado. Há um antropólogo estadunidense chamado Jan Chipchase que tem um livro chamado "*The Field Study Handbook*", com várias ferramentas que usa em campo de pesquisa. Ele é um antropólogo que trabalha com grandes empresas, atuando em projetos de usabilidade para tecnologia. Também há o livro de Elisete Ignácio e suas colegas brasileiras que se chama "*UX Research com sotaque brasileiro*", cujo nome já explica tudo. É uma obra que compartilha as metodologias que elas implementam em projetos de tecnologia. Ela é antropóloga, todas atuam em projetos de usabilidade dentro de empresas de tecnologia. Acho esses dois materiais interessantes para ler.

Ricardo: Foi um prazer te entrevistar, fico muito feliz e agradeço pelo seu tempo, Mayra.

REFERÊNCIAS

- CHIPCHASE, Jin. **The Field Study Handbook**. 2ª. Field Institute, 2017.
- HENRIQUES, Cecília; PILAR, Denise; IGNÁCIO, Elizete. **UX Research com sotaque brasileiro: ou sobre como fazer pesquisas com usuários no Brasil sem apegos acadêmicos ou erros do mercado**. Casa do Código, 2022.
- RIBEIRO, Darcy. **Maíra**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.
- SCHUCH, Patrice. "**O estrangeiro em campo: Atritos e deslocamentos no trabalho antropológico**". *Antropolítica*, 12/13, pp. 73-91, 2003.

YUNUS, Muhammad. O Banqueiro dos Pobres. A Evolução do Microcrédito que Ajudou os Pobres. 1ª, Ática, 2000.

Artigo recebido em 02/12/2026.

Aprovado em 21/01/2026.